

“NEGRA SOU”: A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCREVIVÊNCIA NA MEMÓRIA E NA IDENTIDADE DE PERPÉTUA SIMONE

Ciro Leandro Costa da Fonsêca*

 <https://orcid.org/0000-0003-4444-4642>

José Cezinaldo Rocha Bessa**

 <https://orcid.org/0000-0003-4655-6832>

Como citar este artigo: FONSECA, C. L. C. da; BESSA, J. C. R. “Negra Sou”: a construção de uma escrevivência na memória e na identidade de Perpétua Simone. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 1-16, set./dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLT16798>

Submissão: 8 de fevereiro de 2024. **Aceite:** 3 de abril de 2024.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender a construção de uma identidade afro-brasileira na história de vida da mestra de cultura Perpétua Simone da Silva e como a elaboração da sua identidade, sua escrevivência, insere-se na elaboração da identidade cultural e afro-brasileira do município de Major Sales, no Rio Grande do Norte. Ao compartilhar experiências a partir de um cotidiano de enfrentamento contínuo de preconceito racial e cultural, a voz-memória de Simone representa a quebra do silêncio histórico ao qual foram relegadas as vozes de tantas mulheres negras do município de Major Sales e afirma a condição de ser mulher negra e sujeito da sua própria história.

Palavras-chave: Mulher negra. Histórias de vida. Identidade afro-brasileira. Escrevivência. Alto Oeste Potiguar.

* Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), Pau dos Ferros, RN, Brasil. E-mail: ciro.leandrorn@gmail.com

** Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), Pau dos Ferros, RN, Brasil. E-mail: cezinaldobessa@uern.br



INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte de uma pesquisa maior desenvolvida durante o pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em que objetivamos contribuir para os estudos sobre memória e identidade dos povos do semiárido nordestino, por meio do empreendimento de uma investigação acerca de memórias de povos afrodescendentes do território do Alto Oeste Potiguar. No recorte que constitui este trabalho, dedicamos atenção especial ao estudo da memória e identidade nas histórias de vida de afrodescendentes de Major Sales, município situado no interior do Estado do Rio Grande do Norte.

O referido município é fortemente marcado pelas manifestações das culturas populares, como a tradição dos caboclos da Semana Santa, e pela atuação de homens e mulheres curandeiros e curandeiras, rezadores e rezadeiras, agentes das culturas afro-ameríndia e afro-brasileira, que são sujeitos históricos na identidade do município. Nesse sentido, consideramos pertinente o desenvolvimento de investigações sobre a contribuição desses agentes culturais afrodescendentes na história do município, a presença das suas manifestações no cotidiano social da população, como os contadores de história afrodescendentes, e as narrativas orais sobre os antepassados, sua chegada e permanência no lugar.

Entre esses agentes, destaca-se a figura da mestra de cultura Perpétua Simone da Silva¹, que se tornou uma referência, no município de Major Sales, por sua atuação na transmissão das memórias e na construção da identidade cultural do município, em sua vertente afro-brasileira. Assim, em diálogo com estudos sobre cultura, memória e identidade (Pollack, 1992; Bakhtin, 1997, 2010; Hall, 2006; Bosi, 2005, 2007) e acerca de manifestações de racismo (Souza, 1983; Moura, 2000; Martins, 2003; Fanon, 2008), este artigo visa compreender a construção de uma identidade afro-brasileira na história de vida da mestra de cultura Perpétua Simone da Silva e como a construção da sua identidade, sua escrevivência se insere na elaboração da identidade cultural e afro-brasileira do município de Major Sales, no interior do Estado do Rio Grande do Norte.

Um estudo dessa natureza representa, portanto, a possibilidade de produzir um trabalho de reconhecimento dos agentes históricos do município de Major Sales, para que eles se sintam representados por meio da iluminação das suas trajetórias de vida e de sua importância na elaboração de uma identidade coletiva. Representa também uma contribuição aos estudos sobre memória e identidade do povo do sertão nordestino, conforme vem sendo desenvolvidos na linha de pesquisa “Discurso, memória e identidade” do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A pesquisa relatada neste texto foi realizada por meio da história oral e história de vida, técnica que permite escutar as narrativas com respeito, atenção e ética, nos termos propostos por Montenegro (1994) e Queiroz (1991). Os autores ensinam como saber ouvir as histórias de vida, que dão liberdade aos entrevistados de escolher e narrar suas memórias, os acontecimentos vividos por eles ou transmitidos pelos antepassados, com a mínima interferência dos entrevistadores,

¹ Considerando que se trata de um estudo sobre identidade e memória de pessoas de uma comunidade, optamos pelo uso, ao longo deste trabalho, do nome público da entrevistada. Além de contarmos com a concordância da entrevistada em relação à divulgação de seu nome, temos, também, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por ela, o qual se encontra no relatório final da investigação desenvolvida pelo pesquisador Ciro Leandro Costa da Fonsêca.

assim como o destino ético dado às narrativas pesquisadas. As narrativas da mestra de cultura Perpétua Simone da Silva, coletadas na pesquisa de campo de Fonsêca (2023)², que foram gravadas na sede da Associação Comunitária Socio-cultural de Major Sales e transcritas pelo pesquisador, constituem o material de análise deste artigo.

Na sequência desta introdução, o presente artigo traz o empreendimento analítico que é tecido no entrelaçamento com as ancoragens teóricas que vão sendo mobilizadas no diálogo construído. Por fim, apresentamos nossas conclusões, nas quais sintetizamos os resultados e as reflexões tecidas.

A VOZ-MEMÓRIA E A ESCRIVIVÊNCIA DE PERPÉTUA SIMONE

A escritora Conceição Evaristo, em sua elaboração de uma identidade feminina e afro-brasileira, desenvolveu o conceito de “escrevivência”, uma concepção da sua escrita operada na matéria que é o mundo, a vida, suas experiências e vivências individuais e coletivas no seio da história do seu povo. Da junção entre “escrever e vivência”, relatada em muitas entrevistas, a autora admite a relação de sua escrita, seja em prosa, seja em verso, com a própria vida e a busca de sentido para a existência.

O conceito, que funde a escrita com a vida cotidiana, busca desalienar os afrodescendentes, narrar e fazer memória dos sofrimentos, das condições sociais herdadas do sistema colonial que precisam ser modificadas ainda no presente. É uma forma de despertar tanto o povo negro para a afirmação de sua identidade quanto os herdeiros e continuadores das políticas da casa-grande de que seus privilégios são injustos e de que é preciso fazer justiça aos que ainda sofrem com o ranço da escravidão e colonização.

A busca por borrar essa imagem das mães pretas ninando os filhos dos donos da casa-grande com seu veio narrativo, a necessidade de não mais conceber uma cultura afro-brasileira de diversão para os privilegiados e a imprescindibilidade de acender a própria imagem da mulher negra e do seu grupo social são os motes da narrativa da nossa colaboradora Perpétua Simone da Silva.

O nome escolhido para o grupo, “Negra Sou”, reveste-se em sua atmosfera semântica e simbólica de uma afirmação identitária, de se reconhecer como mulheres, valorizando tanto os seus traços fenotípicos quanto culturais, não permitindo mais que a ideologia do branqueamento, historicamente obedecida, desvalorize-as ou menospreze suas características físicas e sua identidade cultural.

Ciro: Estou aqui porque minha pesquisa de pós-doutorado é sobre a identidade afro-brasileira no município de Major Sales. Você é agente de cultura, foi participando de projetos, hoje coordena o projeto Negra Sou. Gostaria de conversar um pouco com você. Como foi o despertar para o surgimento desse Grupo Negra Sou e a contribuição dele para essa elaboração dessa identidade das pessoas afro-descendentes?

² O pesquisador Ciro Leandro Costa da Fonsêca, autor principal deste artigo, desenvolveu a pesquisa de campo como parte de sua pesquisa *Memória e identidade nas histórias de vida dos afrodescendentes do município de Major Sales*. A referida pesquisa articula-se a um projeto de investigação mais amplo, intitulado *Desenvolvimento do semiárido: atuação e consolidação do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL)*, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, que contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo e Promoção da Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio Grande do Norte (Fapern). Nas transcrições, reproduzidas ao longo deste trabalho, o pesquisador será referido como Ciro, conforme costuma ser chamado e conhecido enquanto cidadão e agente de cultura na região.

Simone: Primeiro, eu queria dizer que é um prazer estar aqui, conversando com você. É um presente até.

Ciro: Obrigado.

Simone: Bem especial. Assim, na verdade, foi algo que aconteceu muito natural. Eu sempre gostei dessa ideia de estar à frente dessa luta. Sempre fui muito ativista desde criança, sem nem imaginar a história que eu estava fazendo, até porque muitas das coisas que eu passava, por mais que fosse natural, eu não entendia tanto. Eu já não aceitava como quando se tratava da minha cor ou do querer das pessoas quererem me transformar ou dizer ou ditar o que eu deveria fazer ou não por conta do meu tamanho ou da minha cor. Entendeu assim?

Ciro: Entendi (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022).

A fala de Simone, enquanto representante do seu grupo social, rompe com o processo histórico do branqueamento para não desaparecer, tão criticado por Fanon (2008). Esse processo constitui-se como uma aceitação dos padrões hegemônicos, uma tentativa de apagamento dos traços negros para se aproximar do padrão branco, evidenciando uma violência simbólica e desumanizadora. A não aceitação das imposições devido à sua etnia ou ao seu tipo físico é uma elaboração de uma identidade de resistência. Desde criança, Simone percebeu-se como ativista, como propensa a ser líder de um grupo, a conduzir outras pessoas na busca pelo reconhecimento.

Como líder e mestra de cultura, nossa colaboradora torna-se referência para outras mulheres negras da comunidade de Major Sales, que enxergam em sua aceitação dos traços fenotípicos negros, como o cabelo, uma forma de expressar sua identidade e de não ceder à imposição de um embranquecimento, de uma aproximação forçada com as características das mulheres brancas, e uma tentativa também de emancipação diante do machismo.

Simone: Eu sempre tive uma identidade muito forte e eu fui crescendo assim. Quando eu cheguei aqui na Associação, eu percebi que outras mulheres precisavam dessa força, precisavam de voz, de palco, precisavam acordar para a vida, para o mundo de conquistas e de que possibilidades temos, né? Porque, assim, é muito real o preconceito, principalmente com mulheres, mulheres negras. Eu sofri com isso. Só não sofri mais por conta dessa minha luta, de mostrar que posso sempre e meu lugar é onde eu quiser estar, mas eu sentia que tinham muitas mulheres, principalmente negras, aqui na Associação, mães, éé... que não. Não se despertava pra isso, sabe? Que aceitava ou era escondida atrás de uma realidade que não era para elas. Eu não suportava isso e algumas comentavam: "Eu queria ter essa força que você tem. Eu queria usar o estilo de roupa que você usa. Eu queria ter essa voz mais ativa. Eu queria ser essa mulher negra que eu pudesse ser eu". Eu comecei a pegar esses depoimentos. Eu me incomodava demais. Por que você não pode ser você? "Ah! Por conta do meu relacionamento. Meu marido não deixa. Eu tenho medo. Não, o mercado de trabalho não. Não é para a gente. Nós somos mulheres de estar em casa". Eu não suportava mais isso. Então, eu tive a ideia de chamar outras mulheres com meu perfil, mulheres negras, e perguntei a elas o que elas achavam de fazer um grupo e nesse grupo nós íríamos contar nossas histórias e mostrar para outras mulheres que elas podem. É se重构uir, porque elas podem ser quem elas quiserem, né? Nós nos reunimos aqui em cinco mulheres e começamos a contar sobre isso. O primeiro encontro foi já com esse intuito de contar uma para outra

a história e ver uma possibilidade de trazer mais mulheres para se espelhar. A gente sentou e perguntou o que a gente poderia fazer para mudar a realidade dessas mulheres? Aí uma foi dizendo “eu aprendi muito com você quando você fez isso”. Quando a gente começou a contar uma história para outra, a gente viu que tinha muita coisa ali que poderia trazer mais. Então, no primeiro encontro foram cinco mulheres. Um mês depois foram quinze. Com dois meses, três meses, já tínhamos trinta mulheres negras, todas negras, todas, mulheres pretas de histórias negras, de vidas assim de muita luta, de muito sofrimento, mas também de muitas conquistas que elas nem mesmo imaginavam que já tinham feito, já tinham quebrado, que já tinham vencido [segundos de silêncio]. Nós começamos, assim, naturalmente com isso, nossas histórias de luta, de força, de conquista. Uma foi incentivando a outra. Engraçado que muitas pessoas chegavam e me diziam: “Engraçado que a maioria das mulheres de lá têm cabelo cacheado, crespo, mas todas alisam. Então, elas não se aceitam”. Nós fomos bater nessa tecla de que mulher preta pode ter o cabelo que ela quiser, inclusive, não ter cabelo. Se ela quiser pelar, rapar como popularmente a gente fala, quiser colocar tranças ou quiser usar loiro, não importa. Ela pode o que ela quiser. Então, nós fomos quebrando isso e as mulheres que gostam de ter cabelos liso que alisem os cabelos, que elas continuem alisando, mas o importante de tudo isso foram as amarras que nós quebramos. Entre aspas [fazendo gestos de aspas com os dedos], libertados da escravidão, mas ainda somos muito escravizadas e é muitas vezes a gente permite isso (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022).

O cabelo das mulheres negras se apresenta como um signo de resistência, de reconhecimento próprio e de afirmação desse reconhecimento. Simone cita, em sua fala, o alisamento como um apagamento das características das mulheres negras que possuem predominantemente o cabelo crespo, pejorativamente chamado de “pixaim”. Nessa busca, cita também o cabelo raspado, estilo de mulheres negras que fazem referência aos ritos de iniciação do candomblé, religião de matriz africana, que é uma escolha da mulher negra e que se configura como uma face significativa da sua identidade.

Embora o cabelo alisado ou tingido de loiro seja uma atitude de branqueamento, Simone expressa em sua fala o poder de escolha da mulher negra, consciente de que a aceitação dos próprios traços e a elaboração da sua identidade representam um processo de negociação individual e social que se constrói aos poucos. Com isso, Simone busca a ruptura com esse processo de hierarquização e classificação das mulheres negras, que divide como superiores as que mais se aproximam das características brancas.

No enfrentamento das manifestações de violência simbólica e do apagamento histórico das identidades, de não mais aceitar as atribuições negativas da sociedade, os estigmas do feio, Simone reflete que é preciso vivenciar uma realidade mais humanizada, não uma atitude de aceitação, de negação da realidade da mulher negra. Conforme enfatiza em seu relato, a ação era: “Que aceitava ou não, era escondida atrás de, de uma realidade que não era para elas” (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022). Essa realidade imposta, que silenciava e apagava as identidades, vai sendo rompida por meio da identificação das mulheres com Simone, enquanto mestra de cultura popular e idealizadora do Grupo “Negra Sou”.

LITERATURA

As mulheres negras, ao se aproximarem de Simone, identificavam-se com a sua elaboração da identidade. Simone relata que “algumas comentavam: ‘Eu queria ter essa força que você tem. Eu queria usar o estilo de roupa que você usa. Eu queria ter essa voz mais ativa. Eu queria ser essa mulher negra que eu pudesse ser eu’” (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022). Essa força é encontrada na coletividade, no contar e ouvir experiências. Simone se apresenta em sua construção identitária como narradora das suas experiências enquanto mulher negra, na esteira do narrador sedentário de Benjamin (1993), que conhece a tradição e as experiências positivas ou negativas do seu grupo, usando sua voz-memória para tecer laços com os outros membros do grupo.

Com a iniciativa da criação do Grupo “Negra Sou”, Simone proporcionou uma iluminação das trajetórias de vida de mulheres negras, contribuindo para o seu protagonismo enquanto sujeitos históricos e para processo de reconhecimento, numa ação afirmativa de combate ao preconceito racial ainda enraizado nos tempos atuais e causador de traumas e complexos, estes intrínsecos à formação das identidades culturais negras (Gilroy, 2001). Essa interação entre mulheres negras, os seus depoimentos concedidos a Simone, suas experiências e memórias reforçam o pensamento de Ecléa Bosi (2005) ao afirmar que depoimentos colhidos servem para transformar a realidade de um grupo. Essas narrativas despertaram esse grupo de mulheres negras para o autoconhecimento da sua cultura e o interesse pela memória dos seus antepassados negros, como fonte e matéria-prima de uma identidade a ser repensada e reelaborada.

Nesse sentido, pensando a memória a partir de uma concepção bakhtiniana, compreendemos que a memória é uma construção que ocorre na interação dos discursos expressos por sujeitos inseridos num dado contexto histórico-social, não mais de forma individual, mas incluída numa rede de relações e diálogos na qual os sujeitos estão ligados, numa ação responsável e ativa de interpretação e reinterpretação das tensões vividas e experienciadas. Assim, a memória de Simone está filiada a uma rede de relações com os sujeitos que lhes transmitiram as memórias e os saberes culturais, e com os sujeitos a quem ela também transmite. Sua memória do passado, que cria uma unidade com o outro e lhe confere forma e acabamento, distingue-se e se amplia para a memória do futuro, do porvir, como a do herói analisado por Bakhtin (1997). Ao transmitir as memórias do grupo, Simone está comprometida com o seu futuro, com o herói em constante e eterno inacabamento, com o seu olhar pautado pelo horizonte. Sua memória também é estética segundo a perspectiva de Bakhtin, pois produz totalidades ao associar e unificar os diferentes aspectos daquela que vive.

A narradora apresenta a consciência de que é preciso vivenciar um processo de rompimento com a histórica submissão simbólica e social, de buscar, além das identidades pessoais, coletivas e culturais, também uma independência financeira que lhes possibilite romper com as exclusões sociais geradoras de uma invisibilidade cultural das mulheres negras. Nessa inexistência enquanto sujeitos e visíveis apenas como braço servil, o trabalho doméstico nas casas das elites brancas foi durante muito tempo uma das poucas opções de sobrevivência das mulheres negras, desde o tempo em que eram amas de leite e alimentavam os filhos dos senhores, para preservar a beleza física das mães, enquanto os seus próprios filhos passavam fome. Nesse tempo, havia uma falsa cordialidade étnica entre brancos e negros, pois os primeiros fingiam uma certa afeição pelos escravos que lhes serviam bem, como refletiu Sérgio Buarque de Holanda (1995) na obra *Raízes do Brasil*.

Essa relação se perpetuou devido às condições sociais dos afrodescendentes após a abolição, que permanecerem por muito tempo em trabalhos braçais e domésticos, e, gradativamente, puderam ascender profissionalmente e passaram a atuar no campo da educação e em outras categorias profissionais. Um preconceito sutil, segundo Moura (2000, p. 25), um “racismo invisível brasileiro”, está presente nessas relações, permeando todos os lugares sociais de convívio entre patrões brancos e empregados negros, bem como em outras manifestações em que permanece disfarçado sob uma aparéncia de “normalidade”, tanto na divisão social do trabalho quanto nas atitudes preconceituosas costumeiras dos brasileiros.

O negro é para estar na cozinha, no campo trabalhando, nas favelas, nas penitenciárias, nos lugares feitos para escondê-lo da nossa realidade. Mas, a presença do negro como agente histórico e social da nossa realidade machuca e incomoda não apenas a elite branca, mas muito não-branco que interiorizou esta postura racista da nossa sociedade (Moura, 2000, p. 25).

É essa histórica segregação que relegou o negro a lugares sociais que o occultam da realidade e negam sua inserção na história, sua construção como sujeito e agente histórico e social. A iniciativa da narradora Simone, enquanto mestre de cultura popular, surge como uma resposta a essa realidade. Sua fala revela o incômodo que a machuca e fere sua identidade como mulher negra e agente transformadora da realidade das outras mulheres negras da sua comunidade. O rompimento com o domínio da cozinha do patrão, para se tornar senhora de sua própria cozinha, de seu próprio universo de vida, sujeita de sua própria história, é um ponto fundamental da fala de Simone:

Ciro: É uma submissão simbólica, conversa simbólica.

Simone: Sim, Ciro, sim! E em algumas situações, por exemplo, do ditar o que você pode ou não, é vestir e a gente aceitar, é ou não o lugar. Eu sempre fui uma mulher que gostei de fazer tudo ao contrário do que a sociedade queria que eu fizesse. Então, eu comecei a jogar bola, eu andava mais com garotos, sabe? Muito para frente do meu tempo. Foi bom. Por uma parte, eu sofri muito preconceito, mas por outra parte me tornou um ser humano assim muito livre. Não desisto fácil daquilo que eu quero. Vou, enfrento e eu busco. Então, esse grupo é mais uma realização assim de nós da Associação. Para a Associação foi um presente, mas para nós mulheres foi um, vamos dizer assim, um caminho que se abriu [fez gestos com as mãos de um caminho sendo aberto] para que a gente buscasse lugares, oportunidades. Incrível, Ciro, é o que acontece dentro desse grupo: mulheres já empreendedoras. Mulher que montou seu negócio depois que se despertou aqui no grupo, depois de reuniões, de encontros. Mulheres que viviam trabalhando em cozinhas. Não que isso seja ruim, mas queria algo a mais, como cozinheiras profissionais que têm seu próprio negócio, como doceiras. Eu [colocou a mão no peito e disse com ênfase], por exemplo, coloquei meu próprio negócio voltado para a dança, para as crianças e tudo isso foi depois que o grupo aconteceu. É isso! (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022).

Em um discurso modalizado, no qual a narradora procura não menosprezar o trabalho das mulheres negras nas cozinhas dos patrões, mas, ao mesmo tempo, reelaborar seus papéis como sujeitos de sua própria história de vida, ela incentiva

LITERATURA

que se tornem cozinheiras profissionais, que montem o seu próprio negócio, rompendo com a exploração do trabalho, frequentemente encarada com normalidade e ainda enraizada em ditados populares propagados ao longo da história, como “Lugar de negra é na cozinha” ou “O negro deve saber o seu lugar”.

Para Simone, compreender o seu lugar significa buscar uma melhoria das condições de vida e de trabalho, como também o acesso aos bens simbólicos e à expressão de sua cultura. Segundo a narradora, ninguém deveria “dizer ou ditar o que eu deveria fazer ou não por conta do meu tamanho ou da minha cor” (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022). Desse modo, permanecer na cozinha dos patrões como uma atitude de submissão representa uma barreira a ser transposta pelas mulheres negras, em consonância com o pensamento de Spivak (2010), para quem a subalternidade pode, sim, falar.

Ciro: E o nome do grupo?

Simone: Eu queria algo assim bem voltado ao nós, bem a nossa cara mesmo. Grupo de mulheres, grupo de mulher. Tinha que ter mulher, porque é só de mulher: Negra Sou. Então, assim, era uma bandeira que eu já queria levantar, porque aqui não se falava muito, de, hoje em dia, nós termos várias mulheres que se consideram, na verdade, pretas. Antes não. Antes era um moreno para cá. A gente sabe que tem muito preconceito. Tem essa questão de nos chamar de morena que, no nosso passado, tem aí algo bem assustador, porque era como os donos de engenho chamavam as mulheres, as mulheres escravas negras. Eles falavam dessa forma para abusar das mulheres. Até hoje algumas mulheres não sabem disso e aceita. Aceita que a chame assim. Hoje não mais, mas antes achava até interessante e dizia “eu sou, sou uma morena”, mas, não, eu sou uma mulher de cor preta e tenho uma história negra para contar e de muita luta, de muita quebra de amarras (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022).

Ao refletir sobre a sua identidade enquanto mulher negra e atuante no seu grupo social, como líder cultural e referência da Associação Cultural Caboclos de Major Sales, Simone cumpre a sua função de narradora, de transmissora das experiências vividas em grupo, e já projeta sua preocupação com a identidade das crianças negras, que, ao terem suas mães participando do Grupo “Negra Sou”, podem ter também iluminadas as suas identidades negras e crescer valorizando suas heranças culturais. O convívio com as mães a partir do ponto de vista do Grupo “Negra Sou” propicia uma experiência de solidariedade, de participação da elaboração de uma identidade marcada pelos traumas históricos, pelos resquícios do colonialismo, da escravidão e do preconceito racial disseminado ao longo da história (Gilroy, 2001), tornando o seu cotidiano menos duro diante dos preconceitos ainda enfrentados. Nessa ação afirmativa, que, nas palavras da narradora, se afirma como uma luta, um trabalho constante, se constrói a consciência de uma identidade dinâmica e inserida na circularidade da cultura e da memória.

Durante muito tempo, o preconceito disseminado contra os povos afrodescendentes criou conceitos carregados de sentidos negativos, concentrados na palavra negrícia (Martins, 2003, p. 15). Para Martins (2003), a negritude é a afirmação dos valores positivos da identidade negra, e a negritice, a junção de negrícia e negritude, isto é, dos aspectos negativos e positivos das experiências, como uma identidade em trânsito. Simone é consciente desse conflito e, em sua função de

narradora, já se preocupa com a formação das identidades das novas gerações. A vivência cotidiana é uma pluralidade de experiências, “uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2006, p. 13).

Nessa mobilidade da dinâmica do cotidiano e sua relação com a cultura, as forças da modernidade possibilitam uma fragmentação das identidades culturais, principalmente as diáspóricas, como as dos povos afrodescendentes. Para Hall (2006), não há mais espaço para a compreensão de identidades fixas e imutáveis, pois elas estão em constante movimento e transformação. Desse turbilhão de forças desencadeado pela globalização, as identidades negras não passam sem ser atingidas principalmente pela ideologia do embranquecimento, da exaltação dos padrões de beleza pregados pela branquitude hegemônica. Nesse conflito, a fala de Simone é de resistência a essas forças que subalternizam cada vez mais as mulheres negras por meio do menosprezo dos seus traços físicos e culturais. Sua fala não busca maquiar as feridas e os traumas herdados da colonização e escravização, mas construir uma nova história na vida das mulheres negras do grupo.

Simone apresenta, em seu discurso, o olhar crítico que enxerga o racismo sutil da imposição da brancura, dos discursos que empurram as mulheres negras a se projetar em oposição à sua identidade, a se lançar a desejos antagônicos a sua realidade e histórias de vida. Nesse sentido, Souza (1983, p. 5) afirma que

[...] a brancura transcende o branco. Eles – indivíduo, povo, nação ou Estados brancos – podem “enegrecer-se”. Ela, a brancura, permanece branca. Nada pode macular esta brancura que, a ferro e fogo, cravou-se na consciência negra como sinônimo de pureza artística; nobreza estética; majestade moral; sabedoria científica etc. O belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos. O branco é, foi e continua sendo a manifestação do Espírito, da Ideia, da Razão. O branco, a brancura, são os únicos artífices e legítimos herdeiros do progresso e desenvolvimento do homem. Eles são a cultura, a civilização, em uma palavra, a “humanidade”. O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal.

A brancura transcende o branco como uma ideologia dominante que se propaga além da cor, enquanto característica física, colocando-se ao longo da história como condição civilizatória para outros povos, como dominação necessária para o progresso das nações e a evolução da humanidade. A nossa colaboradora se opõe a essa brancura ao formar um grupo cultural de mulheres negras para afirmarem-se como um futuro identificatório projetado a partir da realidade dos seus corpos e de suas histórias étnicas individuais e relacionadas à coletividade do grupo.

A afirmação da identidade de mulher negra por Simone aponta um caminho para outras mulheres negras, porque somente uma mulher negra é capaz de se colocar no lugar de outra, compreendendo suas dores e seus confrontamentos diários. Nessa transição da infância para a adolescência e a juventude, uma criança negra passa por momentos de crise de identificação, pois, além da quebra de imagem própria da passagem das fases da idade, outra quebra já é vivenciada pelo preconceito, pelo padrão branco, inclusive das bonecas, geralmente

LITERATURA

loiras e com olhos azuis. A obra *O olho mais azul*, da escritora afro-estadunidense Toni Morrison (2019), mostra, na aversão da personagem às bonecas brancas, o conflito identitário pelo qual passam meninas negras ao conviverem com bonecas que seguem os padrões da branquitude como padrão de beleza estética, sem que os seus fabricantes atinjam o horizonte de expectativa das crianças negras, que se enxergarão cada vez mais distantes dessa realidade.

Ciro: Simone, esse grupo contribuiu com algo além dessa autoaceitação, essa elaboração da identidade negra. Contribuiu com a diminuição do racismo, do preconceito, nessa área?

Simone: A gente luta. A gente luta para isso e já vimos que sim. É incrível, porque uma das coisas que uma das mães veio me falar é que antes a filha dela queria muito uma boneca preta, mas quando ia para a loja só encontrava bonecas brancas, loiras e ela trazia, mas se sentia muito, vamos dizer assim, não pertencendo a ela. Com o tempo, por exemplo, teve um projeto aqui de uma ação da continuidade da cultura afrobrasileira do Criança Esperança. A Dona Maria comprou bonecas pretas. Daí as crianças aqui se apaixonaram, muitas crianças. Ciro, foi incrível quando elas pegaram as meninas pretas se identificando com a boneca, se emocionando, entendeu? Eu achava aquilo muito natural, porque eu venho nessa luta, mas para a criança é diferente. Ver pela primeira vez uma boneca com sua cor. Elas, quando viram, só queriam essa boneca. Depois as lojas se atentaram, porque as crianças iam nas lojas e perguntavam: "Por que não tem a boneca preta? Quero uma boneca da minha cor". As lojas aqui começaram a se atentar pra isso e hoje a gente já encontra. É raro até no Brasil mesmo, mas já encontra. É a identidade das crianças. Hoje elas têm orgulho de ver suas mães participando de um grupo de mulheres negras e dizem: "Quando eu crescer, eu quero fazer parte desse grupo". O preconceito ainda existe, claro, mas a gente conseguiu diminuir pelo menos aqui na Associação. Não vemos, não vemos assim não. A gente não costuma ver mais como a gente via antes do grupo. E nas escolas também deu uma diminuída. A gente conversa. Tudo trabalho que a Associação faz, levando a cultura afrobrasileira. A gente levanta muita bandeira para essas conversas. Então, deu uma diminuída, mas a gente sabe que é uma luta constante. É trabalhar muito mais, mas a gente já conseguiu muita coisa (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022).

A narradora, em sua função de agente cultural, vivenciou com as crianças esse conflito com relação à ausência de bonecas pretas. Esse fato foi questionado por uma filha de uma mulher participante do Grupo “Negra Sou”, que queria possuir uma boneca preta e não encontrava nas lojas. Em uma ação da Associação Comunitária Sociocultural de Major Sales, a professora e escritora Maria Carlos adquiriu bonecas pretas, e as crianças se identificaram com elas, em uma ação afirmativa de combate ao preconceito, frequentemente vivenciado desde a infância, e de construção de uma identidade positiva da sua etnia e cultura.

Essa iniciativa do fornecer bonecas pretas às meninas proporcionou uma iluminação de suas histórias de vida, conferindo-lhes resistência diante dos padrões socialmente impostos e uma visão mais ampla da sua imagem. O modelo eurocêntrico e colonizador que propagou os traços brancos como esteticamente superiores aos negros acarretou consequências danosas às identidades dos afrodescendentes sentidas desde a infância. Na percepção de Simone: “É a identidade

das crianças. Hoje elas têm orgulho de ver suas mães participando de um grupo de mulheres negras e dizem: ‘Quando eu crescer, eu quero fazer parte desse grupo’” (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022). Essa postura experienciada na infância rompe com as forças que subalternizam os povos negros de forma simbólica, econômica e social, visto que o grupo busca, além da elaboração da identidade cultural, uma maior independência econômica por meio do incentivo ao empreendedorismo.

Por meio do contato das filhas das componentes do Grupo “Negra Sou” com as bonecas pretas, confirma-se o pensamento de Ecléa Bosi (2007, p. 75) de que “é a essência da cultura que atinge a criança por meio da memória”. A memória das suas mães em busca de afirmação e reconhecimento da sua identidade enquanto mulheres negras, e de sua infância sem bonecas pretas com as quais agora as meninas podem brincar torna a interação das crianças com as histórias narradas uma vivência que lhes confere inserção em seu grupo social de afro-descendentes, proporcionando uma real inclusão sociocultural. Sem essa experiência, a elaboração da identidade ficaria sem rumo, havendo apenas uma noção abstrata da história dos antepassados negros, o que resultaria em uma identidade fragmentada. A narradora exerce no grupo a função de reavivar a memória e a identidade.

Ciro: Qual era o nome do teu avô?

Simone: Jô. Temos dois, né? O meu bisavô foi o que me iniciou toda essa manifestação, que deu o pontapé. É o José Berto, o pai de João Berto, que é o pai do Mestre Bebê, que é o meu avô. Mestre Bebê é meu pai.

Ciro: Eles eram contadores de história?

Simone: Eles eram até mais que contadores de história, do que dançantes. O meu avô, vô Humberto, por exemplo, ele não era um dançante do grupo.

Ciro: Esse avô que você fala é o avô bisavô?

Simone: É meu avô e meu bisavô. Eles eram os maiores contadores de história, de uma responsabilidade grande. Acredito que nós de Major Sales devemos mais aos contadores de história do que até os próprios dançantes, brincantes da cultura. Eu sou dançante, eu canto no grupo, mas eu quero mais ser conhecida como a contadora de história. Quero que isso fique permanente, que herdei do meu avô, do meu bisavô e do meu pai. Meu pai é um grande contador de história, um grande mestre.

Ciro: Até porque, na cultura popular, uma prática se mistura com a outra.

Simone: Isso. Eu até já fiquei preocupada com isso, porque a gente estava deixando passar algo tão importante que é a contação de história. A Associação tem esse poder de trazer, da gente fazer uma reflexão, da importância da leitura, mais da do contador. Tem muita coisa, através da contação, que a gente aprende. Vai, vive em outro em outro mundo, outro contexto da leitura. Eu estou procurando ver, buscar mais isso, saber mais. A gente não sabe de quase nada dos nossos antepassados. Vamos fazer uma viagem nisso. Não sei nem por onde começar acredita? [diz rindo], mas vamos lá...

Ciro: Comece, por exemplo, pelas rezadeiras. Tem algumas pessoas mais jovens que herdaram o dom, que exercita?

Simone: Sim, mas está se perdendo. Se a gente não buscar logo isso, daqui a uns anos pode ser que se perca. Pelo menos na nossa família, é algo muito marcante. É a cultura.

LITERATURA

Ciro: Mas não tem muita rezadeira?

Simone: Não temos mais. Eu lembro que a minha mãe falava que tinha uma tia que recebia muita gente para que ela rezasse. Meu avô contava cada coisa. Era de uma fé muito fervorosa. Mas é, Ciro, Major Sales precisa mais disso que você tá fazendo, dessa busca, dessas conversas porque tem muita coisa ainda escondida que a gente não sabe, mas vamos lá, vamos descobrir (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022).

A narradora Simone inscreve-se na memória coletiva de seu grupo como mestra de cultura popular por meio da transmissão memorial que recebeu de seu pai, o mestre Bebê, que exerce, na comunidade, a função de mestre do grupo de caboclos conhecido como “Os Moleques de Bebê”. A liderança que Simone exerce no Grupo “Negra Sou”, o seu pai exerce no grupo de brincantes de caboclos, em uma sucessão e aprendizado que remontam ao seu avô João Berto e bisavô José Berto.

Na condição de líder do grupo e mestre de cultura, Simone reforça que o seu pai é um grande contador de histórias. Nesse vínculo com a tradição oral, tão característico dos povos ancestrais africanos, Simone reafirma o valor do testemunho, que, “seja oral ou escrito, no fim é mais testemunho humano, e vale o que vale o homem” (Bâ, 2010, p. 168). É o valor do mestre da cultura afro-brasileira, o sentido humano de suas ações para o grupo, que dá sentido às manifestações populares, como a dança dos caboclos e a interação das mulheres do Grupo “Negra Sou”. O valor de seu testemunho, apreendido, ressignificado e transmitido por sua filha, mantém-se como um legado vivo para as futuras gerações da família e de seu grupo social de aprendizes e brincantes.

Quando indagada sobre a presença de rezadeiras em sua família, um ofício marcante na identidade afro-brasileira, Simone demonstra o interesse em conhecer essa vertente de sua ancestralidade, uma face muito forte e significativa da cultura negra, embora também admita que na família o assunto é pouco falado. Compreendemos mais uma vez que o silêncio e o preconceito podem ser a causa dessa ausência de conhecimento sobre as rezadeiras na família, já que muitas exerciam sua função em sigilo.

Ciro: E a questão do silêncio? Havia o medo do preconceito?

Simone: Sim, sim. Eu, por exemplo, sou a única filha preta. De cinco, eu sou a única preta. O tio da minha mãe era tão pretinho, tão pretinho, assim sabe, que eu cresci vendo isso como se fosse algo bem distante para minha própria família e isso era muito natural. Era muito natural porque meu avô era de cor muito preta, mas não se falava tanto. E a cultura deles assim. A nossa cor veio da parte do meu pai que é das danças. Foi tudo acontecendo muito automático. Assim, a gente vivia essa manifestação como algo normal, natural, mas a gente precisa ir lá, ir a fundo, buscar mais as histórias, porque ainda está tudo muito concentrado. Eu sei que meu vô era um grande contador de história. Meu pai sabe todas as histórias, mas a gente não senta mais para escutar...

Ciro: Com relação aos teus antepassados, sei que é filha de Mestre Bebê que é uma referência na questão do grupo de caboclos. Havia outras manifestações da cultura negra na família dos antepassados, como rezadeiras, por exemplo?

Simone: Sim. Nós estamos tentando fazer, Ciro, um levantamento na nossa família. Sobre isso a gente não tem alguém que estude a fundo. Estou procurando

ver essa possibilidade, mas, pelo que meus pais contam, tinha de tudo um pouco, sabe? Era muito forte a contação de história, por exemplo, que é algo que eu sou mais voltada, que ainda quero construir mais em minha vida. Eram muito fortes várias coisas da cultura negra, da cultura afro-brasileira. Era muito forte na minha família, mas eu preciso fazer uma busca ativa disso.

Ciro: Além de rezadeira, havia alguma religiosidade de matriz africana?

Simone: Sim, mas, na verdade, comentam pouco sobre isso na minha família (trecho da entrevista realizada em 28 de dezembro de 2022).

Na construção de sua identidade, Simone ressalta sua cor, seu tom de pele como uma marca: “sou a única filha preta. De cinco, eu sou a única preta. O tio da minha mãe era tão pretinho, tão pretinho, assim sabe”. Nesse sentido, ser a única filha preta confere-lhe um lugar social de identificação não apenas com a cor dos antepassados, mas também com sua função no grupo, como ela enfatiza: “eu cresci vendo isso como se fosse algo bem distante para minha própria família e isso era muito natural. Era muito natural porque meu avô era de cor muito preta, mas não se falava tanto”.

Além disso, a narradora associa a distância em relação ao assunto das rezadeiras com a cor preta, como se o medo do preconceito tornasse a cor da pele e as práticas culturais e religiosas de matriz africana um tema distante para as outras pessoas. Por isso, a raridade na narração dessa face identitária pode ser vista como uma defesa no convívio com outros grupos e uma forma de evitar falar sobre o assunto para proteger as novas gerações de sofrer preconceito, o que pode ser uma das razões da transmissão pouco comum da função de rezadeira e rezador aos mais jovens. No seio da família, a identidade da cor era natural para a narradora, e ela ressalta sua identidade de única filha preta, assim como seu avô de cor muita preta. Nessa teia de memórias, está subjacente que, por possuir a cor preta do seu avô, Simone também assume a função de narradora do grupo. Em sua fala, ela reforça a presença da contação de histórias na família. É essa a função pela qual a entrevistada deseja ser reconhecida. Sua identidade de ser conhecida e reconhecida como a contadora de histórias, uma função dos agentes populares que permeia todas as outras, pois a transmissão memorial dos mestres para os aprendizes, sejam brincantes ou futuros continuadores das manifestações, depende da narrativa, intrínseca a toda manifestação cultural popular.

Sua consciência da função social estabelece diálogo com a concepção bakhtiniana de identidade, elaborada na premissa de que o discurso dos sujeitos participantes de uma interação social tem origem na negociação com o discurso do outro (Bakhtin, 2010). Assim, a identidade se constitui de forma dinâmica em um constante processo de reelaboração e ressignificação, baseada na interação com o seu grupo social. No seio dessa interação, ao sentir-se narradora do seu grupo social, a agente constrói para si e para o grupo sua representação peculiar da existência, do sentido da sua história de vida individual e inscrita na teia da coletividade. No grupo que ajudou a criar, o “Negra Sou”, no contato com as mulheres negras do grupo, com os seus filhos, com as outras crianças da comunidade, com o seu pai mestre Bebê e os outros mestres e brincantes de caboclos, sua narrativa encontra significado, um sentido em participação e ação na cultura local, na transformação da cidade onde vive.

CONCLUSÃO

Neste artigo, tivemos como objetivo central compreender a construção de uma identidade afro-brasileira na história de vida da mestra de cultura Perpétua Simone da Silva e como a construção da sua identidade, sua escrevivência, se insere na elaboração da identidade cultural e afro-brasileira do município de Major Sales no Estado do Rio Grande do Norte.

Nosso olhar investigativo sobre as narrativas da vida da mestra de cultura Perpétua Simone da Silva apontou que, em sua atuação como mestra de cultura, ela reelabora, no convívio cotidiano com as outras mulheres negras e seus filhos, a identidade excluída, fragmentada e subalterna que o discurso da branquitude impôs ao longo da história. O seu fazer enquanto sujeito histórico, agente e transmissora da cultura do seu grupo é o de uma mulher que se afirma “Negra Sou”. Na narrativa cotidiana, nos ensinamentos, na partilha de experiências, nas apresentações para a comunidade, sua identidade e trajetória de vida se iluminam e iluminam outras mulheres e pessoas negras na busca pela construção de sua própria imagem, livre dos padrões brancos e preconceitos a que foram relegadas. O conflito vivido por Simone e por outras mulheres, homens e crianças negras confirma a leitura de Pollack (1992, p. 205), de que “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais”, posição que converge com a compreensão de Bakhtin (1997) sobre a constituição dos sujeitos, para quem a identidade é construída na interação dos discursos dos sujeitos.

Na construção da sua imagem social, a narradora buscou suas próprias referências, valorizando e reconhecendo sua cor preta, seus traços e a aparência que deseja ter, além das manifestações culturais dos seus antepassados. Nessa elaboração, ousou romper com os critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade dos padrões historicamente impostos, buscando a afirmação da sua identidade e das demais mulheres membros do Grupo “Negra Sou”. Nesse sentido, a identidade não pode mais ser concebida como uma essência do grupo ou da pessoa, conforme pensou Hall (2006), mas é uma constante negociação, um fenômeno sócio-histórico que passa por lutas diárias na vivência dinâmica de um grupo.

A ação afirmativa de se assumir “Negra Sou” e criar um grupo com mulheres que compartilham da mesma atitude trouxe à tona identidades violentamente silenciadas num contexto propício a uma eliminação simbólica, um dos maiores traumas da herança colonialista. O grupo oportunizou uma nova perspectiva, reavivando vozes excluídas e reelaborando feridas sobre as quais era difícil falar. Ao compartilharem experiências a partir de um cotidiano duro e de um enfrentamento contínuo de preconceito racial e cultural, Simone e suas companheiras do grupo construíram um espaço fora dos muros do ranço das discriminações e do apagamento social. Quebrando o silêncio histórico a que foram relegadas as vozes de tantas mulheres negras, a voz-memória de Simone contempla as vozes de todas as mulheres negras do município de Major Sales que, com a força inquebrantável dessa experiência histórica e cultural, podem afirmar, no presente, que “Negra Sou” e, aos descendentes, que negros e sujeitos da sua própria história também poderão ser.

“BLACK I AM”: THE CONSTRUCTION OF A WRITING EXPERIENCE IN THE MEMORY AND IDENTITY OF PERPÉTUA SIMONE

Abstract: This paper aims to understand the construction of an Afro-Brazilian identity in the life story of the cultural teacher Perpétua Simone da Silva, and how the elaboration of her identity, her writing, is part of the elaboration of the Afro-Brazilian identity of the municipality of Major Sales, in Rio Grande do Norte. By sharing experiences from a daily life of continuous confrontation with racial and cultural prejudice, Simone's voice-memory Simone's voice-memory represents the breaking of the historical silence in which the voices of so many black women in the municipality of Major Sales and confirm the condition of being a black woman and subject of her own history.

Keywords: Black women. Life stories. Afro-Brazilian identity. Writing. Upper West Potiguar.

REFERÊNCIAS

- BÂ, A. H. A tradição viva. In: ZERBO, J. K. (ed.). *História geral da África I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010. p. 167-212. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190249>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. (v. 1). p. 197-221.
- BOSI, E. Entrevista: uma experiência humanizadora. *Na Ponta do Lápis*, São Paulo, v. 1, p. 2-3, 1º set. 2005.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- EVARISTO, C. Escritora Conceição Evaristo é convidada do *Estação Plural*: depoimento. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TV Brasil, 12 jun. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- FANON, F. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.
- FONSECA, C. L. C. Relatório de pós-doutorado do projeto de pesquisa “Memória e identidade nas histórias de vida dos afrodescendentes do município de Major Sales”. Pau dos Ferros: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2023.
- GILROY, P. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LITERATURA

- HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MARTINS, J. E. Negrítice: repetição e revisão. In: MARTINS, J. E. *O olho da cor: uma peça em três atos*. Blumenau: Edição do Autor, 2003. p. 13-18.
- MONTENEGRO, A. T. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- MORRISON, T. *O olho mais azul*. Tradução Manoel Paulo Ferreira. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MOURA, C. Racismo brasileiro: o discurso e a realidade. *Revista da Literatura Brasileira*, São Paulo, v. 19, p. 23-25, 2000.
- POLLACK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10. p. 200-215, 1992.
- QUEIROZ, M. I. P. de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.